

O PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NA ESCOLA

Lima, I.V.

Pós-graduando da especialização em Orientação Educacional da FACIBRA.

Ivan Vieira Lima

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar o papel do orientador educacional na escola que por muito tempo vem sendo mais de pai e mãe de alunos, do que o de orientador propriamente dito. De acordo com alguns autores que orientam esta pesquisa será apresentado o verdadeiro papel do orientador: sua história, a ética profissional e seu papel. Em suma, será apresentado um pouco do trabalho que se desenvolve com clareza e seriedade e tem um resultado satisfatório no fim do ano letivo quando se alcançam os objetivos propostos no planejamento do orientador educacional. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para que este trabalho se concretizasse.

Palavras chaves: Orientador, Educacional, Ética, Profissional, Aprendizagem, Aconselhamento.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es presentar el papel del orientador en la escuela durante mucho tiempo ha sido más que el padre y la madre de los estudiantes que el propio asesor. Según algunos autores que guían esta investigación se presentará el verdadero papel del tutor: su historia , la ética profesional y su papel. En resumen , algunos de los trabajos se presentarán en que se desarrolla con claridad y seriedad y tener un resultado exitoso al final del año escolar cuando alcancen los objetivos propuestos en el consejero de planificación. Una búsqueda en la literatura para este trabajo llegó a buen término se celebró.

Palabras clave: Asesor para la Educación, Ética Profesional, Aprendizaje, Tutoría.

INTRODUÇÃO

A história da humanidade nos revela, com muita clareza, que nenhuma sociedade se constitui com sucesso, se não favorecer, em todas as áreas da convivência humana, o respeito à diversidade que a constitui. Os países só alcançam desenvolvimento pleno se garantirem a todos os cidadãos as condições para uma vida digna, de qualidade física, psicológica, social e econômica. A educação tem nesse cenário importante papel, sendo a escola o local no qual se deve favorecer aos cidadãos o acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento das competências, ou seja, a possibilidade de apreensão do conhecimento histórico criado pela humanidade e sua utilização no exercício efetivo da cidadania. É no dia a dia escolar que as crianças e os jovens, enquanto atores sociais têm acesso aos diferentes conteúdos curriculares que devem ser organizados de forma a efetivar a aprendizagem. Para que este objetivo seja atingido, a escola deve ser organizada de tal forma que garanta que cada ação pedagógica resulte em uma contribuição para o processo de aprendizagem dos alunos. O presente trabalho tem como objetivo divulgar a importância do papel do orientador educacional na escola, oportunizando que os alunos se beneficiem de um trabalho de extrema necessidade nos dias atuais.

UM POUCO DA HISTÓRIA

Os objetivos da orientação educacional eram mais claros e precisos quando a mesma abordava a área de psicologia. Dando ênfase nos aspectos sociológicos os mesmos deixaram de ser claros e exatos, sendo isto confirmado em lei que apresenta para a orientação uma diversidade de objetivos em suas atribuições.

Em outras palavras, devido à densidade de atribuições e funções, algumas vezes o orientador vem a ser visto como fora da esfera pedagógica, tendo a orientação educacional colaboradora do processo pedagógico, observamos sua atuação hoje, atendendo aos novos paradigmas das ciências humanas e às novas necessidades do mundo moderno de modo transparente.

O passado nos apresenta a orientação educacional com um conceito terapêutico psicologicamente. O ponto x da questão agora não é mais o ajuste do aluno à escola, à

família e à sociedade, mas sim a formação do cidadão. Há, portanto, a necessidade de apresentarmos uma nova abordagem de orientação voltada à construção de um novo aluno proposto a participar de forma mais consciente e comprometida com seu tempo e sua gente. E também seu papel partir de uma orientação voltada para o indivíduo e chegar a uma orientação coletiva, participativa e contextualizada.

Podemos direcionar um novo paradigma para a orientação educacional, procurando compreender e ajudar o aluno, inserido em seu próprio contexto, com sua cultura e seus valores.

Quando se fala em orientação educacional inúmeros conceitos vêm à tona, há uma indefinição quanto ao que se pretende da orientação, o que é perfeitamente observável ao longo de sua trajetória.

Acredita-se que existiram duas fases, da orientação educacional. Inicialmente, houve uma fase Romântica onde se achava que orientação resolia todos os problemas dos alunos e de quem estivesse envolvido direta e indiretamente com eles. Outra fase foi denominada de objetiva onde a orientação era uma prestação de serviços, de várias ordens, e que não permitia que os alunos tivessem sem problemas.

A orientação estava sempre atenta para esclarecer e mostrar a necessidade de dominar certos conceitos, normas e padrões para não haver problemas posteriores. O conceito chave era o da prevenção.

Estamos vivendo hoje a fase crítica, que consiste em ver o aluno como um todo em sua realidade e seu momento. A orientação está sempre do lado do aluno, ajudando a compreender que naquele momento assinalado ele está vivendo a sua própria vida.

PRINCIPAIS ATIVIDADES DA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

As principais atividades dessa função são: atividade existencial, terapêutica e de recuperação.

1- Atividade existencial: a Orientação Educacional deverá atender alunos que necessitam e querem orientação pessoal, não apenas na vida escolar, mas na vida particular, auxiliando em situações-problema, dúvidas, insegurança e incerteza.

2 – Atividade terapêutica: está voltada aos educandos com dificuldades de estudo ou de comportamento cujos casos precisam de uma assistência mais assídua e especializada.

3- Atividade de recuperação: refere-se aos educandos que apresentam um defect. definido de aprendizagem e que precisam de recuperação. Essa atividade deve ser exercida em parceria com a supervisão escolar. A recuperação não tem apenas o objetivo de levar o educando a alcançar certas notas, mas pesquisar junto aos educandos as causa que os levaram a este estado de desinteresse, desorganização, conflito, desajuste e mau funcionamento na escola dentre outros.

ÉTICA PROFISSIONAL

O trabalho de um orientador educacional reveste-se de grande importância, complexidade e responsabilidade para que seja realizado a contento. Exige-se, muito desse profissional, não só em termos de formação, de atualização constante e de características de personalidade como também de comportamento ético.

Embora não exista um código de ética direcionado especificamente para o orientador educacional, como todo profissional, ele deve ter sua atenção pautada por princípios. O comportamento ético em relação às informações sobre alunos, funcionários e pessoas da comunidade é um dos principais aspectos a serem considerados.

Como a interação do orientador educacional com os orientadores se caracteriza pelo seu caráter de relação de ajuda, tanto o aluno pode expor, espontaneamente, fatos ou situações de cunho pessoal ou familiar, como o orientador pode necessitar fazer indagações sobre problemática em questão. Esses dados por serem de fato sigilosos ou confidenciais não devem ser alvo de comentários com outras pessoas, quaisquer que sejam as circunstâncias. Esse cuidado é de vital importância porque a condição básica para o estabelecimento de uma relação de ajuda eficiente é a confiança.

Os sigilos das informações constantes dos prontuários dos alunos devem ser igualmente preservados, assim como questionários sobre o aluno e seus familiares. Resultados de entrevistas e de testes e opiniões de professores sobre determinado aluno devem ser mantidos fora do alcance de pessoas que, propositadas ou equidistante, neutro e procurar acirrar os ânimos, mas, sempre que possível acalmar as partes, buscando o entendimento entre elas, negociando soluções que, ao contentar a todos, restabeleçam o necessário equilíbrio.

O mesmo comportamento ético deve ser observado quando algum motivo como busca de status, de poder ou de prestígio acabe se manifestando e envolvendo profissionais em disputas ou tramas pessoais. Nessas ocasiões, informações verdadeiras ou não podem ser usadas indevidamente para prestigiar ou prejudicar uns e promover ou favorecer outros.

É importante, ainda, ressaltar, além do comportamento profissional, alguns aspectos éticos de sua conduta pessoal, pois devido à multiplicidade de interações que se estabelecem entre as pessoas, quer queira ou não, o orientador acaba por tornar-se uma figura muito exposta, conhecida e visada, na escola e na comunidade. Ressalte-se também que, ao interagir com as pessoas de diferentes faixas etárias, status e níveis socioeconômicos e culturais, seu comportamento estará sendo observado podendo até vir a servir de modelo para alguns, o que vem a aumentar uma conduta ética irrepreensível. Portanto, o orientador educacional deve ter discrição em público, mesmo quando fora do local ou horário de trabalho, a fim de que sua imagem seja preservada de comentários desabonadores ou comprometedores. Na escola com um todo, dado a natureza do processo educativo, é importante que sejam observados princípios éticos e, em particular na área de orientação educacional, é imprescindível que tais preceitos sejam rigorosamente obedecidos.

Os grupos sobrevivem quando estabelecem trocas com a coletividade num intercâmbio que leva ao mútuo enriquecimento. Assim o grupo constitui e consolida um código que lhe assegura a unidade. Todos os profissionais vivem esta dinâmica. Os direitos, os deveres, os privilégios que os congregam emprestam rigidez aos laços de união e reforçam os caracteres comuns. Pela formação de uma consciência profissional, pontos falhos poderão ser sanados e pouco a pouco teremos uma classe mais respeitada, conceituada e consolidada.

O PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL

Tem recebido enfoques variados a orientação educacional e a supervisão escolar. A orientação é um método pelo qual o orientador educacional ajuda o aluno a tomar consciência de seus valores, dificuldades, realização nas estruturas e planos de vida. Também faz uso da estatística por meio de levantamento de dados, por exemplos,

sondagem de aptidões, realiza reuniões de orientação e de aconselhamento e desempenha outras funções relacionadas com a concepção do atendimento ao educando.

Das funções citadas no parágrafo anterior o aconselhamento tem sido considerado como a principal e mais importante. Entretanto, a fundamentação, habilidade e eficácia de tal papel na escola têm sido largamente questionadas recentemente, em face de dificuldade de o orientador educacional demonstrar objetivamente que dedicando grande parte do seu tempo contribuirá da melhor maneira possível para o atendimento da problemática do educando.

Os modelos e técnicas de aconselhamento utilizado em orientação educacional desenvolvem-se originalmente no âmbito da psicoterapia e implicitamente assumem a noção de que o indivíduo e não o ambiente a que faz parte é que deve modificar-se, pois é o indivíduo, e não o ambiente, que está perturbado, doente ou com problemas. De fato observa-se facilmente a transposição de tal concepção em posições assumidas pelo Orientador Educacional na escola. Posições estas que correspondem a expectativas de pessoa que participam do processo educativo. Por exemplo, “o aconselhamento é mais comumente utilizado em casos relacionados com indisciplinado” (LICK, 1979) e a prática frequente é a de encaminhar o aluno à Orientação Educacional com a expectativa implícita de que o mesmo seja modificado, corrigido. A suposição implícita é de que no aluno está a causa do problema. Tal procedimento não reconhece comportamentos inadequados às suas necessidades e condições individuais, tais como: regulamentos inflexíveis, insensibilidade de professores e adultos em geral à individualidade do educando.

Além da parcialidade com que vê a situação do aluno, tal posição assumida incorre em erro por clamar-se com os princípios do próprio aconselhamento quanto à aceitação e compreensão do educando.

Os modelos e técnicas de aconselhamento desenvolveram-se mediante sua aplicação com cliente adulto e voluntário. A viabilidade de sua aplicação com outro tipo de população: na escola a criança e o adolescente; geralmente não voluntário, necessita ser evidenciado empiricamente.

No plano da argumentação lógica, questiona-se que o relacionamento naturalmente desigual entre orientador educacional e aluno deixa de fluir no educando como tal, normalmente em nossa cultura o adulto é naturalmente

visto com autoridade pela criança, independentemente, da posição que ocupa em relação a ela. (Sheibe e Spaccaquerque, 1976)

O aconselhamento individual ou mesmo em grupo, como procedimento principal de atuação em Orientação Educacional obriga uma proporção relativamente pequena de alunos por Orientador Educacional.

Idealmente esta proporção é de 450 alunos por Orientador Educacional nas escolas de ensino fundamental. Tal proporção, já considerada impraticável em países desenvolvidos com norma sistêmica, mais ainda é a crescente necessidade de expansão das redes públicas do ensino.

Numa escola com número elevado de alunos em proporção a Orientadores Educacionais em que se adotem as funções de aconselhamento como forma principal de atuação ocorre certamente o atendimento de uns poucos alunos, ficando a maioria deles sem receber os benefícios da Orientação Educacional. Mais ainda, pressionados pelo tempo limitado, dada a sobrecarga de alunos, tentará o Orientador Educacional abreviar a duração e o número das sessões de aconselhamento com cada aluno e, inadvertidamente, o Orientador poderá forçar um ajustamento prematuro e artificial.

O atendimento individual ao educando, que vem caracterizando a Orientação Educacional, fundamenta-se no pressuposto de que os educandos têm necessidades especiais e que os professores não estão preparados ou não tem condições para atendê-las. Segundo esse enfoque o Orientador Educacional presta serviços a medidas em que emergem as necessidades. (Luck, 1978).

Tal concepção de prestação de serviços e atendimento direto ao educando de acordo com a emergência de necessidades psicoemocionais parece ter gerado uma mudança na abrangência e sentido do papel do professor em relação ao aluno. Observa-se, por exemplo, que quando o professor percebe que algum aluno tem dificuldades especiais, encaminha-o para o Orientador Educacional a quem transfere a responsabilidade de resolvê-la. O professor é a figura principal na formação do Educando e quem forma o aluno, a motivação ou não pelos estudos, o entendimento da significância ou insignificância das áreas e objetivos de estudo, percepção de sua capacidade de aprender, de seu valor como pessoa. Da qualidade do relacionamento interpessoal professor aluno, de responsabilidade do primeiro depende o ajustamento emocional do

docente em sala de aula e na escola. Assim, não se concebe a eficácia de uma ação para somar as dificuldades dos alunos em sala de aula sem participação do professor.

Considerando os professores expostos conclui-se que o Orientador Educacional assuma funções de assistência ao professor, aos pais, às pessoas da escola com as quais os educandos mantêm contatos significativos, no sentido deste se tornarem mais preparados.

Na escola, o orientador educacional é um dos membros da equipe gestora, ao lado do diretor e do coordenador pedagógico. Ele é o principal responsável pelo desenvolvimento pessoal de cada aluno, dando suporte à sua formação como cidadão, à reflexão sobre valores morais e éticos e à resolução de conflitos.

Ao lado do professor, esse profissional zela pelo processo de aprendizagem e formação dos estudantes por meio do auxílio ao docente na compreensão dos comportamentos das crianças. Ou seja: enquanto o professor se ocupa em cumprir o currículo disciplinar, o orientador educacional se preocupa com os conteúdos atitudinais, o chamado currículo oculto. Nele, entram aspectos que as crianças aprendem na escola de forma não explícita: valores e a construção de relações interpessoais.

Por tratar diretamente das relações humanas, o orientador educacional pode ter suas funções confundidas com as de um psicológico. Essa confusão, no entanto, deve ser evitada, porque, embora também lide com problemas de convivência e com dificuldades de aprendizagem das crianças, a função do orientador se aproxima mais do aspecto pedagógico e não da dimensão terapêutica do atendimento.

Para conseguir realizar seu trabalho, o profissional que ocupa esse cargo não pode ficar o tempo inteiro em sua sala, apenas recebendo alunos expulsos da aula ou que desrespeitaram um colega ou um professor. Ele só consegue saber o que está acontecendo na escola, entender quais são os comportamentos das crianças e propor encaminhamentos adequados quando circula pelos espaços e convive com os estudantes.

Esse trabalho também ultrapassa os muros da escola. O orientador deve atuar como uma ponte entre a instituição e a comunidade, entendendo sua realidade, ouvindo o que ela tem a dizer e abrindo o diálogo entre suas expectativas e o planejamento escolar.

O que faz o orientador educacional?

- • Orienta os alunos em seu desenvolvimento pessoal, preocupando-se com a formação de seus valores, atitudes, emoções e sentimentos;

- • Orienta, ouve e dialoga com alunos, professores, gestores e responsáveis e com a comunidade;
- • Participa da organização e da realização do projeto político-pedagógico e da proposta pedagógica da escola;
- • Ajuda o professor a compreender o comportamento dos alunos e a agir de maneira adequada em relação a eles;
- • Ajuda o professor a lidar com as dificuldades de aprendizagem dos alunos;
- • Medeia conflitos entre alunos, professores e outros membros da comunidade;
- • Conhece a legislação educacional do país;
- • Circula pela escola e convive com os estudantes.

Apesar de essas funções do orientador serem essenciais no processo de ensino e aprendizagem, nem sempre as escolas contam com esse profissional em sua equipe. Com ou sem ele, no entanto, o trabalho não pode deixar de ser feito. Da mesma maneira que uma escola sem coordenador pedagógico não deixa de planejar as situações didáticas, uma escola sem orientador educacional não deixa de se preocupar com a formação cidadã de seus alunos. Essa missão deve ser cumprida pelo diretor, coordenador e também pelos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os professores expostos conclui-se que o Orientador Educacional assuma funções de assistência ao professor, aos pais, às pessoas da escola com as quais os educandos mantêm contatos significativos, no sentido deste se tornarem mais preparados para entender as necessidades dos educandos, tanto com relação aos aspectos cognitivos e psicomotores, como aos efetivos.

REFERENCIAS BIBIOGRAFICAS

BRASIL, Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL, Lei 5.564 de 21 de dezembro de 1968. Provê sobre o exercício da profissão de orientador educacional.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin. *A orientação educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola.* 3^a ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos, Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1990.

SOLÉ, Isabel, Orientação educacional e intervenção psicopedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2001.

A Orientação Educacional - Conflito de Paradigmas e Alternativas para a Escola, Mírian Paura S. Zippin Grinsepun, 176 págs., Ed. Cortez